

## Os Contos de Canterbury

Geoffrey Chaucer

### Prólogo

Aqui começa o livro dos Contos de Canterbury.<sup>[1]</sup>

Quando abril, com as suas doces chuvas, cortou pela raiz toda a aridez de março, banhando os veios com o líquido que pode gerar a flor; quando Zéfiro<sup>[2]</sup> também, com seu sopro perfumado, instilou vida em tenros brotos, pelos bosques e campinas; quando o sol na juventude percorreu metade de seu curso em Áries;<sup>[3]</sup> e os passarinhos, ficando a noite inteira de olho aberto, gorjeiam melodiosamente, com os corações espicaçados pela Natureza — então sentem as pessoas vontade de peregrinar; e os palmeirins, o desejo de buscar plagas estranhas, com santuários distantes, famosos em vários países. E rumam principalmente, de todos os condados da Inglaterra, para a cidade de Canterbury, à procura do bendito e santo mártir que os auxiliara na doença.<sup>[4]</sup>

Naquela época, aconteceu que um dia, achando-me eu em Southwark, no Tabardo,<sup>[5]</sup> pronto a partir em peregrinação a Canterbury com o coração cheio de fé, chegou de tardezinha àquela hospedaria uma comitiva de bem vinte e nove pessoas diferentes, que haviam se reunido por acaso.<sup>[6]</sup> E todos os seus membros eram peregrinos que cavalgavam para Canterbury. Como os quartos e os estábulos tinham muito espaço, acomodamo-nos todos sem dificuldade. E, logo que o sol se pôs, eu já havia conversado com cada um deles, agregando-me à sua comitiva. E o grupo todo concordou em levantar-se bem cedo a fim de pôr-se a caminho, conforme vou relatar.

Entretanto, enquanto tenho tempo e espaço, e antes que avance ainda mais em minha história, creio de bom alvitre

descrever a condição de cada qual (de acordo com o que me foi dado perceber), quem era e qual a sua posição, bem como a sua maneira de vestir-se. E vou começar por um Cavaleiro.<sup>[7]</sup>

Estava lá um Cavaleiro, um homem muito digno, que, desde que principiara a montar, amava a Cavalaria, a lealdade e a honra, a cortesia e a generosidade. Valente nas guerras de seu suserano, embrenhara-se mais do que ninguém pela Cristandade e pelas terras dos pagãos, sempre reverenciado pelo seu valor.

Esteve presente na conquista de Alexandria;<sup>[8]</sup> muitas vezes, na Prússia, coube-lhe a cabeceira da mesa, à frente de todas as nações; fez campanhas na Lituânia e na Rússia, mais que qualquer outro cristão de sua categoria; também esteve em Granada, no cerco de Algeciras; no reino de Ben-Marin; em Aias e Atalia, quando ambas foram tomadas; e presenciou o desembarque de nobres armadas às margens do Grande Mar.<sup>[9]</sup>

Quinze vezes participou de torneios mortais, e três vezes travou justas por nossa fé em Tramissena, sempre matando o inimigo.

Este digno Cavaleiro também acompanhara o senhor de Palatia<sup>[10]</sup> contra um outro pagão em terras turcas, aumentando ainda mais o seu renome. E, apesar de toda essa bravura, ele era prudente, e modesto na conduta como uma donzela. De fato, jamais em sua vida dirigiu palavras rudes a quem quer que fosse. Era um legítimo Cavaleiro, perfeito e gentil. Quanto aos bens que ostentava, tinha excelentes cavalos, mas o traje era discreto: o gibão que vestia era de fustão, manchado aqui e ali pela ferrugem da cota de malha. Regressara, havia pouco, de mais uma campanha, partindo em peregrinação logo em seguida.

Fazia-se acompanhar do filho, um jovem Escudeiro, um aspirante à Cavalaria, galante e fogoso, de cabelos com tantos caracóis que pareciam frisados. Calculo que devia ter uns vinte anos. Era de altura mediana, aparentando possuir notável

agilidade e grande força. Já havia servido em combates na Flandres, no Artois e na Picardia,<sup>[11]</sup> e, não obstante o pouco tempo, dera provas de coragem, tentando conquistar as graças de sua dama. Recoberto de bordados, parecia um prado cheio de lindas flores, brancas e vermelhas. Passava os dias a cantar e a tocar flauta, e tinha o frescor do mês de maio. Envergava um saio curto, com mangas longas e bufantes. Montava e cavalgava com destreza, compunha versos e com arte os declamava, sabia justar e dançar e desenhar e escrever. Amava com tal ardor que, à noite, dormia menos do que um rouxinol. Era cortês, humilde e prestativo; e à mesa trinchava para o pai.<sup>[12]</sup>

O Cavaleiro também tinha consigo um Criado, e mais nenhum outro serviçal nessa ocasião, pois assim preferia cavalgar. Vestia este um brial e um capuz de cor verde. Na mão trazia um arco possante e, à cinta, um feixe bem atado de flechas com plumas de pavão, luzentes e pontiagudas (cuidava bem de seu equipamento, não deixando setas soltas, caindo com as penas baixas). Com sua cabeça raspada e o rosto queimado de sol, era perito nas artes do caçador. Protegia o pulso com uma braçadeira colorida; pendiam-lhe do flanco uma espada e um broquel; e no outro lado se via um belo punhal, de bom acabamento, aguçado como ponta de lança. No peito, uma medalha de São Cristóvão, de prata reluzente. Trazia, enfim, um corno de caça, preso a um verde boldrié. Na verdade, tudo indicava que era um couteiro.<sup>[13]</sup>

Lá estava igualmente uma Freira, uma Prioressa, com um sorriso todo simplicidade e modéstia. A maior praga que rogava era “por Santo Elói!”.<sup>[14]</sup> Chamava-se Senhora Eglantine. Cantava graciosamente o serviço divino, com um perfeito tom fanhoso; e falava francês bonito e bem, segundo a escola de Stratford-at-Bow,<sup>[15]</sup> pois que desconhecia o francês de Paris. Além disso, era muito educada à mesa: jamais deixava cair pedaços de comida da boca, nem mergulhava demais os dedos no molho, mas segurava

sempre os alimentos com cuidado, sem que uma gota sequer lhe pingasse no peito. Nos hábitos corteses achava a sua maior satisfação. Limpava tanto o lábio superior que, quando acabava de beber, não se via em seu copo nenhum sinal de gordura. E com que graça estendia a mão para apanhar as iguarias! Sem dúvida, era uma pessoa de ânimo alegre, agradável e sempre gentil na conduta, esforçando-se por imitar as etiquetas da corte a fim de adquirir boas maneiras e merecer a consideração de todos. Falando agora de sua consciência, era tão caritativa e piedosa que seria capaz de chorar se visse um rato morto ou a sangrar na ratoeira. Costumava alimentar os seus cãezinhos com carne assada ou com pão branquinho e leite; mas desfazia-se em pranto se um deles morresse ou levasse uma paulada. Era toda compaixão e ternura! Um amplo véu, com muitas dobras, envolvia-lhe a cabeça; seu nariz era reto, seus olhos, cinza-azulados como o vidro; a boca era pequena, vermelha e macia; e tinha uma bela testa, com quase um palmo de largura, eu creio (pois ela, certamente, não era um tipo miúdo). Pude notar também que sua capa era distinta; e que, em volta do braço, trazia um rosário de delicado coral, com as contas maiores — as contas do Padre-Nosso — de cor verde. Dele pendia um medalhão brilhante de ouro, onde se distinguiam um A, debaixo de uma coroa, e a escrita *Amor vincit omnia*.<sup>[16]</sup>

Estava acompanhada de outra Freira (que era a sua secretária) e mais três Padres.

E havia um Monge, personalidade verdadeiramente modelar, inspetor das propriedades do mosteiro e apaixonado pela caça, um homem másculo, que daria um bom Abade. No estábulo mantinha soberbos cavalos; e, quando cavalgava, os guizos de seus arreios tilintavam claro e forte no sussurrar da brisa, lembrando o sino da capela onde ele era Prior. Considerando antiquadas e algo rigorosas as regras de São Mauro

ou de São Bento,<sup>[17]</sup> esse Monge deixava de lado as velharias e seguia o modo de vida dos novos tempos. Para ele valia menos que uma galinha depenada o tal texto que diz que os caçadores não são homens santos; ou o que compara a um peixe fora da água o monge que vive fora do claustro. Por um texto desses não daria uma ostra. E eu disse que concordava com sua opinião: afinal, para que estudar no mosteiro e ficar louco em cima de algum livro, ou trabalhar com as próprias mãos e mourejar de sol a sol, como ordenou Santo Agostinho? Se fosse assim, quem iria servir ao mundo? Santo Agostinho que vá ele próprio trabalhar! Pensando dessa forma, constantemente praticava ele a montaria; <sup>[18]</sup> seus galgos eram velozes como o voo das aves; e seu maior prazer, para o qual não poupava despesas, era perseguir a lebre com seu cavalo. Observei que os punhos de suas mangas orlavam-se de peles gris, as melhores desta terra; e que prendia o capuz sob o queixo com uma fivela de ouro artisticamente cinzelada, tendo na extremidade mais larga um nó cego, símbolo do amor. Sua cabeça calva reluzia como espelho; e assim também seu rosto, que até parecia untado. Era um senhor gordo, de muito boa presença. Seus olhos arregalados não paravam de mover-se, reluzentes como as chamas da fornalha debaixo do caldeirão. Os seus sapatos macios, o seu cavalo saudável; tudo mostrava que ele era um grande prelado. De fato, não tinha nada da palidez das almas atormentadas. Um cisne gordo era o assado de sua preferência. Seu palafrém era escuro como a framboesa madura.

E também vinha conosco, folgazão e alegre, um Frade mendicante, desses que têm o direito de esmolar em circunscrição própria, um homem importante. Em todas as quatro ordens<sup>[19]</sup> não havia ninguém que conhecesse melhor as artes do mexerico e da linguagem florida; e para as mocinhas que seduzia ele arranjava casamento às próprias custas. Era um nobre pilar de sua irmandade! Conquistara a estima e a intimidade de todos os

proprietários de terras de sua região, assim como de respeitáveis damas da cidade — pois, conforme ele mesmo fazia questão de proclamar, por licença especial de sua ordem tinha poder de confissão maior que o do próprio cura. Ouvia sempre com grande afabilidade os pecadores; e agradável era a sua absolvição. Toda vez que esperava polpudas doações, eram leves as penitências que impunha, porque, do seu ponto de vista, nada melhor para o perdão de um homem que a sua generosidade para com as ordens mendicantes: quando alguém dava, costumava jactar-se, sabia logo que o arrependimento era sincero. Pois muita gente tem o coração tão duro que, mesmo sofrendo muito intimamente, não é capaz de chorar. Por isso, em vez de preces e prantos, é prata o que se deve ofertar aos pobres frades.

Sua capa andava recheada de faquinhas e fivelas para as mulheres bonitas;<sup>[20]</sup> e, sem dúvida, melodiosa era a sua voz. Sabia cantar e dedilhar as cordas de uma rota,<sup>[21]</sup> vencendo facilmente os torneios de baladas. Tinha o pescoço branco como a flor-de-lis; mas era robusto como um campeão. Conhecia bem as tavernas de todas as cidades, e tinha mais familiaridade com taverneiros e garçonetas que com lazarentos e mendigos. Não ficava bem para um homem respeitável de sua posição privar com leprosos doentes: lidar com esse rebotalho não trazia nem bom nome nem proveito; por isso, preferia o contato com os abonados e os negociantes de mantimentos. Onde alguma vantagem pudesse vislumbrar, mostrava-se sempre cortês e prestativo. Não existia no mundo alguém mais capaz: era o melhor pedinte de seu convento! Pagava uma taxa para garantir seu território, e nenhum de seus irmãos ousava invadi-lo. Até mesmo as viúvas que não tinham sequer um par de sapatos acabavam por dar-lhe um dinheirinho antes que se fosse, tão mavioso era o seu *In principio*.<sup>[22]</sup> O que apurava com tais práticas era muito mais que a sua renda normal. E como parecia um cachorrinho novo em

suas estripulias! Além disso, nos “dias do amor”,<sup>[23]</sup> ele era muito útil, graças ao respeito que incutia, pois não lembrava um frade enclausurado — com as roupas andrajosas de algum pobre clérigo — mas sim um Mestre,<sup>[24]</sup> ou mesmo um Papa. Seu hábito curto era de lã de fio duplo, redondo com um sino saído da fundição. Como era afetado, ciciava um pouquinho ao falar, para tornar mais doce o seu inglês; e ao tocar harpa, nos intervalos do canto, seus olhos cintilavam como estrelas numa noite fria. Esse distinto mendicante se chamava Huberd.

Fazia parte da comitiva um Mercador, de barba bifurcada e roupa de várias cores. Vinha montado numa sela alta, e trazia na cabeça um chapéu flamengo feito de pele de castor. As fivelas de suas botas eram finas e elegantes. Manifestava as suas opiniões em tom solene, sempre falando em aumentar os lucros. Achava que o trecho de mar entre Middleburg, na Holanda, e Orwell, na Inglaterra, devia ser protegido contra a pirataria a qualquer custo. Dava-lhe bons retornos o câmbio ilegal. Esse respeitável senhor, de fato, tinha tino comercial: conduzia os seus negócios com tamanha dignidade, com as suas vendas e os seus empréstimos, que ninguém diria que estava cheio de dívidas. Apesar de tudo, no entanto, era uma excelente pessoa. Só que, para dizer a verdade, não sei como se chamava.

E havia um Estudante de Oxford, que por muitos anos vinha se dedicando à Lógica.<sup>[25]</sup> Montava um cavalo magro como um ancinho; e ele próprio, asseguro-lhes, não era nada gordo, com aqueles olhos encovados e seu jeito taciturno. Vestia uma capa toda puída, pois ainda não se tornara clérigo para merecer as vantagens de uma prebenda, e já não se achava tão ligado ao mundo para exercer ofícios seculares. Preferia ter à cabeceira de sua cama vinte livros de Aristóteles<sup>[26]</sup> e sua filosofia, encadernados em preto ou em vermelho, a possuir ricos mantos, ou rabecas, ou um alegre saltério.<sup>[27]</sup> Mas, não dispondo da pedra

filosofal, apesar de ser filósofo, continuava com o cofre quase vazio. Tudo o que os amigos lhe emprestavam gastava em livros e aprendizagem, rezando constantemente pelas almas dos que contribuíam para a sua formação. Seus esforços e cuidados concentravam-se todos no estudo. Não dizia uma palavra mais que o necessário, e sua fala, serena e ponderada, era breve e precisa e cheia de pensamentos elevados, sempre voltados para a virtude moral. E aprendia com prazer, e com prazer ensinava.

Um Magistrado, sábio e cauteloso, que no passado frequentara muito o pórtico da igreja de São Paulo,<sup>[28]</sup> também vinha conosco, um jurista de reconhecida competência. Da sensatez de suas palavras podia-se inferir que se tratava de um homem ponderado e digno de todo o respeito. Por diversas vezes exercera a função de juiz itinerante, com carta patente do Rei e com plena comissão. Graças à sua erudição e ao seu renome, colecionava gratificações e finos mantos. Em parte alguma haveria maior comprador de terras. E tudo negociado sem problemas de hipotecas ou quaisquer vícios legais. Nem havia em parte alguma homem mais ocupado — se bem que fosse menos ocupado do que fazia crer. Conhecia todos os casos e sentenças, desde os tempos de Guilherme, o Conquistador; e, conhecendo os precedentes, instruía muito bem os seus processos, e ninguém lhe criticava os pareceres. Sabia todos os estatutos de cor. Envergava um saio despretensioso, de fazenda de cor mista, preso por uma cinta de seda com listinhas enviesadas. E quanto à sua indumentária é o suficiente.

Integrava igualmente a comitiva um Proprietário de Terras alodiais,<sup>[29]</sup> de barba branca como a margarida e compleição sanguínea. De manhã seu alimento favorito era pão embebido em vinho. Aliás, sua maior preocupação era agradar aos sentidos, pois era um legítimo filho de Epicuro,<sup>[30]</sup> para quem a felicidade perfeita e verdadeira se encontra apenas nos prazeres. Era um

anfitrião extraordinário, o São Julião<sup>[31]</sup> de sua terra. Seu pão e sua cerveja não podiam ser melhores, e ninguém tinha adega tão fornida como a sua. Em sua casa não faltavam assados de peixe e de carne, e em tais quantidades, que ali parecia nevar comidas e bebidas e todas as delícias imagináveis. O cardápio do jantar e da ceia mudava de acordo com as diferentes estações do ano. Conservava, em gaiolas, bandos de perdizes gordas; e, nos seus tanques, cardumes de carpas e de lúcios. Ai de seu cozinheiro se o molho não fosse picante e saboroso! E ai dele se não estivesse a postos com os seus utensílios! Mantinha a mesa sempre armada na sala, com a toalha posta o dia inteiro. Era ele quem presidia às reuniões dos juízes de paz; e mais de uma vez fora representante do condado no Parlamento. Pendentes do cinto, branco como o leite da manhã, trazia um punhal e uma bolsa toda de seda. Também tinha ocupado os cargos de xerife e de auditor. Não se poderia achar vassalo mais respeitável.

Tínhamos em seguida um Armarinheiro, um Carpinteiro, um Tecelão, um Tintureiro e um Tapeceiro, todos vestidos com a mesma libré de uma importante e grande confraria. Suas ferramentas polidas eram novas em folha; os engastes de suas facas não eram de bronze, mas inteiramente de prata; e seus cintos e bolsas eram trabalhados com arte até nos pormenores. Cada um deles parecia um bom burguês, digno de tomar assento no estrado da sala de sua corporação ou de tornar-se, com sua perspicácia, membro da câmara de sua cidade. Todos dispunham de posses e rendas para tanto. E suas esposas bem que concordariam com isso (a menos que fossem tolas), pois não há mulher que não goste de ser chamada de “Madame” e de encabeçar as procissões, nas vigílias dos dias santos, com um manto às costas igual a uma rainha.

Naquela ocasião, traziam consigo um Cozinheiro, para que não lhes faltasse o seu cozido de galinha com ossos de tutano,

temperado com pimenta moída e ciperácea. Esse Mestre Cuca era profundo conhecedor da cerveja londrina. Sabia assar e cozer e grelhar e fritar, assim como preparar terrinas apetitosas e belas tortas. Mas me deu muita pena ver que tinha uma úlcera na canela da perna... A carne com molho branco que fazia era das melhores.

Também nos acompanhava um Homem do Mar, um capitão de navio, originário do oeste do país... Pelo que sei, era de Dartmouth. Não tendo prática de cavalgar, montava o seu rocim do jeito que podia, metido num saio grosso de frisa, comprido até os joelhos. Seu punhal estava preso a uma correia que dava a volta ao pescoço e descia depois por sob um dos braços. O sol de verão tornara-lhe a pele morena. Era, sem dúvida, um bom sujeito. Toda vez que voltava de Bordeaux, aproveitava as ocasiões em que o Mercador dormia para surripiar-lhe parte de seu vinho. Na verdade, não tinha muitos escrúpulos de consciência: sempre que travava uma batalha, se fosse vencedor, soltava os prisioneiros jogando-os no alto-mar. Mas é preciso reconhecer que era um profissional muito competente, e não havia ninguém, de Hull a Cartagena, que calculasse melhor as marés, as correntes e os imprevistos que o cercavam, ou entendesse tão bem de atracação, luas e pilotagem. Era audacioso e astuto em suas decisões, pois muitas tempestades já tinham sacudido sua barba. Conhecia como a palma de sua mão todos os portos, desde Gotland no mar Báltico ao cabo Finisterra, bem como cada reentrância nas costas espanholas e bretãs. Seu barco era o “Madalena”.

Outro que fazia parte de nosso grupo era um Médico. Não havia no mundo maior especialista em cirurgia e medicina, tudo com boa base na astrologia, para poder orientar os seus pacientes sobre as horas mais propícias à cura por magia natural.<sup>[32]</sup> Assim sendo, indicava-lhes com precisão os amuletos que deveriam usar,

de acordo com os seus ascendentes.<sup>[33]</sup> Sabia a causa de todas as doenças — de natureza quente ou fria ou seca ou úmida<sup>[34]</sup> — e como se manifestava, e qual o seu fluxo humorai. Era um doutor irrepreensível, um médico de verdade. Descoberta a origem da enfermidade e a raiz do mal, receitava imediatamente as suas mezinhas. Seus boticários, sempre de prontidão, logo lhe mandavam drogas e remédios os mais diversos, porque essas duas classes sempre se ajudaram mutuamente, numa amizade muito antiga e proveitosa. Conhecia ele perfeitamente o seu Esculápio,<sup>[35]</sup> assim como Dioscórides e Rufus, o velho Hipócrates, Ali, Galeno, Serapião, Razis, Avicena, Averróis, Damasceno, Constantino e, por fim, Bernardo e Gilbertino e Gatesden.<sup>[36]</sup> Seguia um regime alimentar bastante moderado, evitando os excessos e comendo apenas o que fosse nutritivo e de fácil digestão. Quase nunca lia a Bíblia. O seu traje azul-céu e vermelho-sangue era todo guarnecido de cendal e tafetá. Isso não quer dizer que fosse perdulário, pois soube economizar muito bem o que ganhara durante a epidemia de peste.<sup>[37]</sup> Como na medicina o pó de ouro é tido como remédio, demonstrava pelo ouro particular devoção.

E havia lá uma Mulher proveniente das cercanias de Bath. Só que era meio surda, coitada. Tinha tanta experiência como fabricante de tecidos que seus panos superavam os produzidos em Ypres e Gant.<sup>[38]</sup> Nenhuma paroquiana ousava passar-lhe à frente na fila dos devotos que levavam ofertas à caixa de coleta, pois, se o fizesse, ela certamente ficaria furiosa, perdendo por completo as estribeiras. O capeirote, que aos domingos colocava na cabeça, era da melhor fazenda, e tão cheio de dobras, que eu juraria que pesava umas dez libras. De belo escarlate eram suas calças, bem justas, e seus sapatos eram de couro macio e ainda úmido de tão novo. Tinha um rosto atrevido, bonito e avermelhado. Havia sido em toda a vida uma mulher de respeito:

tivera cinco maridos à porta da igreja<sup>[39]</sup> — além de alguns casos em sua juventude (mas disso não é preciso falar agora). Em suas peregrinações já estivera três vezes em Jerusalém, atravessando muitos rios estrangeiros; também visitara Roma, Boulogne-sur-Mer, Colônia e Santiago de Compostela. Aprendeu muito nessas andanças. Para dizer a verdade, tinha uma janela entre os dentes. Confortavelmente montada num cavalo esquipado, trazia na cabeça, protegida por amplo lenço, um chapéu largo como um broquel ou um escudo. Escondia os avantajados quadris com uma sobressaia, e nos seus pés se via um par de esporas pontiagudas. Em companhia, ria e tagarelava sem parar. Tinha remédios para todos os males de amor, pois dessa arte conhecia a velha dança.

Também vinha conosco um religioso, Pároco de uma pequena cidade, um bom homem, pobre de dinheiro mas rico de santidade nos pensamentos e ações. Ademais, era um clérigo culto, pregando com fidelidade o Evangelho de Cristo e devotamente ensinando os seus fiéis. Bondoso, e extraordinariamente dedicado, era paciente na adversidade — como o demonstrou em várias ocasiões. Insurgia-se à ideia de arrancar os seus dízimos com ameaças de excomunhão, preferindo mil vezes repartir as coletas da igreja e os próprios bens pessoais com os pobres do seu rebanho, pois com pouco se contentava. Sua paróquia era enorme, com casas muito apartadas. Nem por isso deixava ele, chovesse ou trovesasse, de visitar na doença e na desgraça seus mais distantes paroquianos, grandes e humildes, deslocando-se a pé e apoiando-se num bastão. O nobre exemplo que dava era que primeiro se deve praticar, para depois ensinar. A essas palavras, tiradas do Evangelho, acrescentava esta figura: se o ouro enferrujar, o que será do ferro? Quando um padre, em cujo preparo confiamos, se corrompe, como hão de resistir os homens ignorantes? E que grande vergonha — se os padres atentarem bem — ver o pastor

na imundície e as ovelhas imaculadas. Por isso, é com sua própria pureza que o sacerdote deve mostrar ao rebanho como se vive. Assim pensando, esse Pároco nunca foi absenteísta, nunca alugou a sua paróquia, deixando suas ovelhas atoladas na lama, a fim de correr à igreja de São Paulo, em Londres, à cata de alguma rica dotação com que pudesse lucrar, rezando missas pelas almas, ou de um bom cargo de capelão em alguma confraria. Em vez disso, permanecia em seu posto, cuidando bem de seu rebanho e impedindo que o lobo o desviasse para o mau caminho. Ele era um pastor, não um mercenário. E, embora fosse santo e virtuoso, jamais desprezou os pecadores ou falou com empáfia e arrogância, mas ensinava com humildade e amor, para atrair as pessoas ao Céu apenas com a força de seu bom exemplo. Era esta a sua tarefa. É claro que no caso de transgressores reincidentes, fossem de condição modesta ou elevada, também era capaz de severas reprimendas. Creio que nunca no mundo houve sacerdote melhor: não exigia pompa ou reverência, nem era um moralista intransigente; apenas ensinava as palavras de Cristo e dos seus doze Apóstolos, antes seguindo ele próprio o que ensinava.

Acompanhava-o seu irmão, um Lavrador, que já carregara muito esterco em sua vida. Era um trabalhador honesto e bom, vivendo em paz e praticando a caridade. Acima de tudo amava a Deus de todo o coração, na alegria e na tristeza; e, depois, amava o próximo como a si mesmo. Por amor a Jesus, ajudava aos mais pobres sempre que possível, joeirando, abrindo valas e cavando para eles, sem nada receber em troca. Pagava à Igreja todos os dízimos na íntegra, seja com seu trabalho, seja com os seus bens. Vinha montado numa égua, envolto por um tabardo.

Também faziam parte da comitiva um Feitor,<sup>[40]</sup> um Moleiro, um Oficial de Justiça Eclesiástica, um Vendedor de Indulgências, um Provedor,<sup>[41]</sup> eu próprio... e ninguém mais.

O Moleiro, para começar, era um gigante. Enorme de músculos e de ossos, mostrava muito bem sua força nas lutas que disputava, sempre ganhando o carneiro oferecido como prêmio. Era entroncado e taludo, um colosso de encrenqueiro. Não havia porta que não pudesse arrancar do batente, ou, numa investida, quebrar com a cabeça. A barba, com a largura de uma pá, era arruivada como os pelos da porca ou da raposa. Tinha uma verruga bem no espigão do nariz, encimada por um tufo de cabelos vermelhos como as cerdas nas orelhas de uma porca. As narinas eram antros de negrura; e a boca, grande como uma grande fornalha. Prendia na cinta uma espada e um broquel. Sendo tagarela e boca-suja, vivia contando histórias de pecado e sacanagem. Roubava trigo, tirando para si três vezes mais farinha do que permitia a lei; e o fazia desviando-a com seu “polegar de ouro”,<sup>[42]</sup> que todo Moleiro tem. Vestia um saio branco e um gorro azul. Tocava a gaita de foles com entusiasmo; e foi assim que, à frente da comitiva, guiou-nos para fora da cidade.

E lá estava um gentil Provedor de uma escola de direito em Londres, um homem que todos os intendentes deveriam imitar, se quisessem aprender como se compram mantimentos. De fato, pagando à vista ou a prazo, ele observava tudo com muita atenção, e sempre se saía bem nas transações.

Será que não é por alguma graça de Deus que homens sem cultura, como ele, conseguem com a astúcia sobrepor-se à sabedoria de tantos homens instruídos? Afinal, seus patrões, na corporação de advogados onde trabalhava, eram mais de trinta, todos profundos e hábeis conhecedores da lei. Além disso, pelo menos uma dúzia deles saberia muito bem exercer o cargo de senescal de renda e terras para qualquer senhor da Inglaterra, que assim poderia, sem dívidas (a menos que não tivesse juízo), viver folgado com os seus próprios recursos, ou, se preferisse, viver com frugalidade. E mais, eles tinham competência até para

colaborar na administração de um condado, prontos para o que desse e viesse. No entanto, o nosso Provedor ludibriava a todos!

O Feitor era um homem extremamente magro, de humor colérico. Andava sempre bem barbeado; e seu cabelo, cortado sobre as orelhas em toda a volta, era raspado no topo da cabeça e curto na frente, como o dos frades. Longos e finos como varas eram seus membros inferiores, sem sinal de barriga da perna. Cuidava tão bem dos caixotes e dos celeiros, que nenhum auditor era capaz de incriminá-lo. Previa, conforme fosse tempo de chuva ou de seca, qual a produção das messes e dos pomares. Seu patrão, desde a idade dos vinte anos, confiara-lhe a administração de todas as suas posses — ovelhas, gado, laticínios, porcos, cavalos, cereais e aves; e de tudo o Feitor prestava contas, cumprindo a sua parte no contrato. Como foi dito, ninguém conseguia acusá-lo da falta de coisa alguma. Não havia bailio, pastor ou colono de quem ele não conhecesse as malandragens e manhas, e, por isso, todos o temiam como à peste. Sua casa ficava num lindo prado, à sombra de verdes árvores. Como entendia de negócios mais que o seu empregador, amealhara muitos bens secretamente, e ainda fazia gentilezas ao patrão, astutamente cedendo-lhe ou emprestando-lhe aquilo que era dele mesmo. Em troca, além dos agradecimentos, recebia de presente um belo saio e capuz. Na juventude havia aprendido um bom ofício: tornar-se, dessa forma, eficiente carpinteiro. Montava um belo garanhão, de nome Scot, malhado de cinzento. Envergava longa sobressaia azul, e na cinta levava uma adaga enferrujada. O Feitor de quem estou falando era de Norfolk, de uma cidadezinha chamada Bawdeswell. Trazia, como um frade, a orla das vestes dobrada para cima, presa à cintura. E sempre cavalgava atrás de todo o grupo.

Ali conosco estava um oficial de justiça eclesiástica, um Beleguim, cujo rosto afogueado de querubim,<sup>[43]</sup> com os olhos

bem juntos, estava coberto de pústulas. Quente e lascivo como um pardal, tinha negras pestanas escabiosas e barba muito rala. As crianças morriam de medo da cara dele. Não havia mercúrio, litargírio, enxofre, bórax, alvaiade ou cremor de tártaro que pudesse limpá-lo e curá-lo, livrando-o das manchas esbranquiçadas e das bexigas nas faces. Ele gostava muito de cebola e de alho, tanto comum quanto porro; e mais ainda de vinho forte, tinto como o sangue. Depois de beber, desatava a palrar e a gritar como louco; além disso, quando bêbado, só falava latim — se bem que poucas palavras, duas ou três, que aprendera de algum decreto. E não era para menos, pois não ouvia outra coisa o dia inteiro; e vocês sabem como um gaio é capaz de dizer “louro” tão bem quanto o Papa. Mas se alguém o inquirisse mais a fundo, veria que sua sabedoria não passava disso. *Questio quid juris*<sup>[44]</sup> era o que vivia dizendo.

Era um sujeito canalha, mas bonzinho — melhor não se poderia achar: em troca de um quarto de galão de vinho, permitia que um camarada ficasse com a amásia por doze meses a fio, sem denunciá-lo ao tribunal eclesiástico; e, o que é mais, ele próprio fazia das suas às escondidas. Quando apanhava um pecador em flagrante, aconselhava-o a não recear a excomunhão do arcediago — a menos que tivesse a alma em sua bolsa, pois era na bolsa que recaía o castigo. E dizia: “A bolsa é o inferno do arcediago”.

Neste ponto, porém, sei bem que estava errado: quem tem culpa deve acautelar-se contra o *significavit*<sup>[45]</sup> que entrega o pecador ao braço secular; e deve temer a excomunhão, pois esta mata as almas tanto quanto a absolvição as salva.

Graças à intimidação, ele controlava os jovens da diocese, conhecendo-lhes os segredos e dando-lhes conselhos. Pusera sobre a cabeça uma guirlanda, grande como as que se veem nos mastros às portas das tavernas; e levava um pão redondo, que, por brincadeira, fingia ser um escudo.

Com ele cavalgava um gentil Vendedor de Indulgências do Hospital de Roncesvalles,<sup>[46]</sup> seu amigo e compadre, recém-chegado da Santa Sé de Roma. Vinha cantando bem alto: “Meu amor, venha comigo”; e o Oficial Eclesiástico o acompanhava modulando o baixo. Seu canto era duas vezes mais potente que o som de qualquer trombeta.

Esse Vendedor de Indulgências tinha cabelos amarelados cor de cera, que caíam sobre os ombros lisos como feixes de fios de linho, espalhando-se em madeixas finas e bem separadas umas das outras. Por troça, não usava o capuz, preferindo trazê-lo enrolado na sacola, enquanto colocava na cabeça apenas um gorrinho, sobre os cabelos soltos. Imaginava assim estar na última moda. Seus olhos arregalados lembravam os de um coelho. Com uma “verônica”<sup>[47]</sup> costurada no tal gorrinho, trazia à frente, sobre a sela, uma sacola de viagem, recheada de perdões papais ainda quentes do forno. Falava com a voz fina de uma cabra; e não tinha (nem nunca teria) barba no rosto, que era liso como se tivesse sido escanhoado aquele instante. Desconfio que era um castrado, ou um veado. Mas em sua atividade, de Berwick a Ware,<sup>[48]</sup> não havia Vendedor de Indulgências que se igualasse a ele. Levava em seu malote uma fronha de travesseiro que garantia ser o véu de Nossa Senhora; e afirmava possuir também um pedaço da vela do barco de São Pedro no dia em que ele resolveu andar sobre as águas e teve que ser amparado por Jesus; e tinha uma cruz de latão cravejada de pedras falsas, assim como uma caixa de vidro contendo ossinhos de porco. No entanto, com essas relíquias, quando calhava de topar com algum pobre pároco do campo, coletava mais dinheiro num só dia do que o outro durante dois meses. E assim, com falsos elogios e engodos, fazia o pároco e os seus fiéis de bobos. Entretanto, para fazer-lhe justiça, é preciso não esquecer que, na igreja, era um clérigo dos mais dignos: lia muito bem o versículo do dia e a narrativa litúrgica, e,

melhor que tudo, sabia cantar o ofertório. Afinal, não ignorava que, encerrada essa parte da missa, chegava a hora de pregar e de afiar a língua para arrecadar tanto dinheiro quanto lhe fosse possível. Não é à toa que cantava com tal vigor e alegria.

Agora que fielmente lhes descrevi em resumo a condição, os trajes, o número dos peregrinos e também o motivo por que essa comitiva se reuniu em Southwark, nesta simpática hospedaria conhecida como “O Tabardo”, encostada à taverna do “Sino”, chegou a hora de contar-lhes como se passaram as coisas na noite em que apeamos naquela pousada. E depois descreverei nossa viagem e todo o resto da peregrinação. Antes, porém, peço-lhes, por gentileza, que não debitem à imoralidade o fato de eu falar com franqueza ao abordar minha matéria, reproduzindo as palavras e as ações dos companheiros exatamente como foram. Vocês sabem tão bem quanto eu que quem conta o conto de outro, se tiver senso de responsabilidade, tem a obrigação de repetir tão fielmente quanto possível todas as suas palavras, ainda que sejam grosseiras e indecentes. Caso contrário, o seu relato não corresponderá à realidade, perdendo-se em ficções e circunlóquios. O autor não deve poupar ninguém, nem mesmo seu irmão; e deve empregar, sem discriminação, todos os termos. O próprio Cristo usou de linguagem franca nas Santas Escrituras; e não me consta que haja ali qualquer imoralidade. Também Platão afirmou, para os que podem lê-lo, que as palavras devem ser gêmeas do ato. Peço-lhes igualmente que me perdoem se, aqui nesta história, nem sempre selecionei pessoas à altura da posição que ocupam. Vocês já devem ter percebido que não sou muito inteligente.

Nosso Albergueiro recebeu festivamente a cada um de nós, acomodando-nos sem demora para a ceia e servindo-nos do melhor que tinha. O seu vinho era forte, e bebemos à vontade. O homem tinha jeito para mestre de cerimônias nos banquetes. Era

corpulento e de olhar brilhante. Melhor burguês não havia em Cheapside: apesar de sempre dizer o que realmente pensava, procurava expressar-se com equilíbrio e tato. Ademais, estava sempre alegre. E, por isso, após a ceia — e depois de termos acertado as nossas contas — começou, entre outras coisas, a fazer brincadeiras e a planejar divertimentos. Foi então que nos disse: “Agora, meus senhores, sinceramente, quero dar-lhes as boas-vindas de todo o coração; pois asseguro-lhes, sem mentira, que este ano ainda não tinha visto reunida neste albergue tanta gente simpática como agora. Gostaria de descobrir um modo de entreter-vos, e acho que já sei como fazê-lo: acaba de ocorrer-me a ideia de uma boa distração, que nada vai lhes custar.

“Todos vocês estão indo para Canterbury... Ótimo, Deus os ajude, e que possam receber do bendito mártir a devida recompensa! Mas sei muito bem que, no caminho, irão com certeza conversar e fazer pilhérias, pois ninguém acha graça em cavalgar o tempo todo calado como uma pedra. Assim sendo, o que pretendo, como eu disse, é ajudar a comitiva a divertir-se, tornando mais agradável o trajeto. E se todos aceitarem a minha orientação, fazendo tudo como eu disser, amanhã, quando tomarem a estrada, juro-lhes, pela alma de meu pai que já morreu, que se não gostarem do que vou propor podem cortar-me o pescoço! Aí está: quem concordar levante a mão.”

Nossa resposta veio logo. Como a todos pareceu que não valia a pena discutir, acedemos de imediato ao que queria, rogando-lhe que fizesse o favor de anunciar o seu veredicto.

“Senhores”, respondeu, “ouçam agora a melhor parte. E espero que não tratem esta minha sugestão com pouco-caso. Este é o ponto (serei rápido e direto): para encurtar a longa estrada, proponho que cada um de vocês conte dois contos na viagem de ida a Canterbury (é o que tenho em mente); e que mais tarde, na volta, cada um conte mais dois, sempre a respeito de casos

antigos do passado; e quem se sair melhor, isto é, quem narrar a história mais rica de conteúdo e de mais graça, ao regressarmos receberá de prêmio uma bela ceia, oferecida por todos nós, aqui mesmo na estalagem, sentado junto a este pilar. E, para que haja mais animação, estou disposto a reunir-me a vocês às minhas próprias custas, para ser seu guia. E quem contradisser meu julgamento terá que pagar as despesas de viagem de nós todos. Se estiverem de acordo, digam-me logo, sem mais conversa; e amanhã bem cedinho estarei pronto.”

Prometemos-lhe que sim, jurando atender a ele com muito prazer e solicitando-lhe que cumprisse a sua parte, ou seja, que assumisse a chefia de nossa comitiva, fosse o juiz e o marcador das histórias, e fixasse um preço para a ceia a ser servida. Em troca, seguiríamos suas determinações em todos os assuntos, grandes e pequenos, submetendo-nos unanimemente ao que resolvesse. Dito isso, buscou-se o vinho e, após bebermos, fomos todos sem tardança para a cama.

Na manhã seguinte, assim que o dia começou a raiar, lá veio despertar-nos o Albergueiro, o nosso galo madrugador; e, reunido o grupo todo, pusemo-nos a caminho, trotando mansamente até o regato de São Tomás. Após atravessá-lo, nosso Albergueiro puxou as rédeas do cavalo e disse:

“Senhores, escutem-me, por favor:

“Vocês conhecem nosso trato e, se é que para vocês o dia se afina com a noite, devem estar lebrados dele. Vejamos, então, quem vai contar a primeira história. E não se esqueçam de que, assim como espero beber vinho e cerveja o resto de meus dias, também espero ser o juiz; e aquele que se rebelar terá que pagar todos os gastos desta viagem. Agora, antes de prosseguirmos, vamos tirar a sorte: quem ficar com o pedaço da palha mais curto é quem começa.”

“Senhor Cavaleiro”, chamou ele, “meu patrão e meu senhor, queira tirar um, cumprindo o que decidi.” E continuou: “Aproxime-se, Senhora Prioresa; e o senhor também, Senhor Estudante. Deixe de lado a modéstia, e nada de estudos agora. E os outros... venham todos!”.

Os peregrinos prontamente obedeceram e, para abreviar a história, fosse por acaso ou ventura, o fato é que o sorteado foi o Cavaleiro — o que alegrou e satisfez a todos. Em vista disso, como já sabem, devia ele, por direito e por dever, submeter-se às regras, apresentando a sua narrativa. Que mais é preciso que se diga? Compreendendo o bom homem que assim tinha que ser, tratando-se de pessoa sensata e fiel a seus empenhos, acedeu de boa vontade, e disse à comitiva: “Já que me coube dar início ao jogo, ora, em nome do Senhor, louvado seja o destino! Mas continuemos a viagem; e ouçam o que tenho a dizer”. E, com tais palavras, retomamos a marcha, enquanto ele, com o semblante risonho, principiava o seu conto, narrando o que se segue.

Aqui termina o prólogo deste livro; e aqui tem início o primeiro conto, que é o Conto do Cavaleiro.

## Notas

1. Cidade do condado de Kent, no sudeste da Inglaterra. (N. da E.)

2. Na mitologia grega, o vento do oeste. (N. da E.)

3. O sol está na juventude porque há pouco ultrapassara o equinócio de primavera, que marca o início do ano solar. (N. da E.)

4. Alusão a São Tomás Beckett. Thomas Beckett era arcebispo de Canterbury, e foi assassinado dentro da própria catedral, em 1170, e canonizado três anos depois. Seu túmulo não mais se acha na Catedral de Canterbury, pois foi desmantelado por ordem de Henrique VIII no início da Reforma Protestante. (N. do T.)

5. O emblema da hospedaria era um “tabardo”, capote com mangas e capuz. Na época de Chaucer, existia, de fato, uma estalagem com tal nome, Tabard, na região de Southwark, na margem sul do Tâmisa. (N. da E.)

6. O número de peregrinos descritos no “Prólogo”, sem contar o próprio Chaucer, não é 29, mas sim 27. Dois viajantes, o Cônego e seu Criado, se juntam ao grupo mais tarde. (N. da E.)

7. Ao grafarem os nomes das profissões ou ocupações dos peregrinos em maiúsculas, as edições modernas criam uma espécie de impressão de nome próprio, mas os manuscritos originais não fazem semelhante registro. (N. da E.)

8. Cidade tomada pelos cristãos no século XIV. Os lugares em que o Cavaleiro combateu mostram que ele esteve nas três grandes frentes de luta contra o “paganismo”: 1) no Oriente Próximo, onde se situavam Alexandria (Egito), Aias (Cilícia Armênia), Atalia e Palatia (Turquia); 2) no nordeste europeu, onde os Cavaleiros Teutônicos moviam guerra aos lituanos, polacos e russos; e 3) na Espanha árabe, com Granada e Algeciras, e no vizinho Magreb, em que se localizava o reino mouro de Ben-Marin, com a cidade de Tramissena (atual Tlemcen). O Grande Mar era como alguns chamavam o Mediterrâneo Oriental, para distingui-lo dos pequenos mares da Palestina (o Mar Morto e o lago de Tiberíades). (N. do T.)

9. O Grande Mar é o Mediterrâneo. As batalhas de que o Cavaleiro participara conduziram-no aos confins do mundo medieval. Algeciras fica perto do Cabo de Trafalgar, no sul da

Espanha; Ben-Marin fica no norte da África; Aias e Atalia situam-se na Ásia Menor. (N. da E.)

10. Tramissena fica na Argélia, e Palatia é provavelmente a moderna Balat, na costa oeste da Turquia. (N. da E.)

11. Respectivamente, a região norte da Bélgica e províncias do norte da França. (N. da E.)

12. Trinchar para o próprio pai era considerado um dos deveres do escudeiro. (N. da E.)

13. Indivíduo que guardava terras onde se criava caça exclusivamente para a realeza e a nobreza. Verde era a cor escolhida pelos couteiros. (N. da E.)

14. Santo patrono dos ourives. (N. da E.)

15. Convento beneditino próximo a Londres. O francês ali ensinado era, provavelmente, a variante normanda, não o parisiense. (N. da E.)

16. “O amor tudo vence” (Virgílio, *Eclogas*, X, 69). O lema é irônico, porque a palavra *amor*, em latim, não exclui a atração carnal (ao contrário de *caritas*, que designa o amor cristão). (N. do T.)

17. São Mauro foi discípulo de São Bento, o qual instituiu os princípios e a estrutura da vida monástica. (N. da E.)

18. Era esse o nome que se dava à caça nos montes, com o auxílio de cães. A cetraria, por sua vez, era a caça com falcões amestrados, que em geral se praticava nos vales, ao longo dos rios. (N. do T.)

19. Referência às quatro ordens de frades: os dominicanos (*black friars*), os franciscanos (*grey friars*), os carmelitas (*white friars*) e os agostinianos. (N. do T.)

20. Frades mendicantes costumavam aproveitar a vida errante para agir como mascates. (N. da E.)

21. Espécie de cítara triangular provida de cordas em ambos os lados da caixa acústica. (N. da E.)

22. Primeiras palavras do Evangelho de São João, cujos primeiros catorze versos eram recitados como texto devocional utilizado pelos frades para abençoar as casas em que entravam. (N. da E.)

23. Eram dias destinados ao acerto amigável das contendas, evitando-se assim a ida aos tribunais. (N. do T.)

24. O frade teria a aparência de um graduado de universidade. (N. da E.)

25. O estudo da filosofia aristotélica constituía parte essencial do currículo das universidades medievais. (N. da E.)

26. Considerando que os livros eram itens muito caros no século XIV, uma coleção de vinte livros seria impressionante. (N. da E.)

27. Instrumento de cordas semelhante à cítara. (N. da E.)

28. O pórtico da igreja de São Paulo, a catedral gótica de Londres (destruída pelo fogo em 1666 e substituída pela atual estrutura projetada por Christopher Wren), era o tradicional ponto de encontro dos advogados com os seus clientes. (N. do T.)

29. Esses proprietários rurais (*Franklins*) não estavam subordinados a nenhum senhor feudal. Entretanto, embora livres, não pertenciam à nobreza, na qual aspiravam ingressar. (N. do T.)

30. Filósofo grego (341-270 a.C.), criador do epicurismo, corrente filosófica que postula como objetivo central do ser humano a busca da felicidade. (N. da E.)

31. Conhecido também como Julião, ou Juliano, o hospitaleiro. (N. da E.)

32. Magia “branca” que não envolve trato com espíritos; o conhecimento das forças ocultas da natureza (magnetismo, influência dos astros) e a arte de usá-los para prever eventos futuros, curar doenças etc. (N. da E.)

33. O ascendente, no horóscopo de uma pessoa, corresponde ao signo que, na hora do nascimento, se achava em ascensão no horizonte. (N. do T.)

34. Para a medicina medieval, as moléstias eram causadas por desequilíbrios nos quatro “humores” do corpo. Esses humores, intimamente relacionados com os quatro “elementos”, eram: o humor *melancólico*, localizado na bílis negra, que era frio e seco (como a “terra”); o *sanguíneo*, localizado no sangue, que era quente e úmido (como o “ar”); o *colérico*, na bílis amarela, que era quente e seco (como o “fogo”); e o *fleumático*, na fleuma, que era frio e úmido (como a “água”). Bom exemplo de pessoa sanguínea é o Proprietário de Terras, de compleição vermelha e barba branca (lembrando um Papai Noel), risonho e bonachão, sujeito a acessos de raiva passageiros; já o Feitor, outro peregrino, irá ilustrar o temperamento colérico. (N. do T.)

35. A “bibliografia” do doutor inclui todas as grandes autoridades da ciência médica de então, desde o mitológico deus da medicina, Esculápio, e os gregos Dioscórides, Rufus, Hipócrates, Galeno e Serapião, até os médicos e astrônomos árabes (como João de Damasco ou Damasceno, Ali, Avicena, Razis e Averróis) e cristãos. Entre estes figuram: Constantinus Afer, um dos fundadores da Escola de Medicina de Salerno (e que vem mencionado também em “O Conto do Mercador” como autor do livro *De Coitu*); Bernardo Gordônio, professor em Montpellier; John Gatesden, médico de Oxford; e Gilbertino, que deve ser o então famoso *Gilbertus Anglicus*. (N. do T.)

36. A lista de nomes constitui a prática dos “catálogos”, corrente à época de Chaucer, convenção literária que evidenciava a erudição de um autor. (N. da E.)

37. Trata-se da peste bubônica, que grassou pela Inglaterra em 1348. (N. da E.)

38. Antigas cidades belgas, centro do comércio medieval de tecidos. (N. da E.)

39. Na Idade Média, a cerimônia de casamento costumava ser realizada à porta da igreja. (N. da E.)

40. Espécie de capataz de uma propriedade feudal. (N. da E.)

41. Espécie de comprador de mantimentos para alguma instituição. Esse provedor trabalha para uma Escola de Direito. (N. da E.)

42. Para ajustar as máquinas do moinho e poder obter produto refinado, o moleiro examinava constantemente a espessura da farinha, esfregando-a com o polegar. Dizia-se, por isso, que o bom moleiro tem um “polegar de ouro”. No texto a intenção é irônica, porque o moleiro descrito por Chaucer usava o polegar para desviar e roubar a farinha dos fregueses. (N. do T.)

43. Na arte medieval os querubins eram retratados com o rosto vermelho. (N. do T.)

44. “A questão é: que parte da lei (se aplica)?” (N. do T.)

45. “*Significavit nobis venerabilis pater...*” (“O venerável pai nos comunicou...”) eram as palavras iniciais nas ordens de prisão contra os excomungados. (N. do T.)

46. Hospital ligado ao convento de Nossa Senhora de Roncesvalles, em Navarra, que, instalado em Londres, perto de Charing Cross, ficou célebre pelos abusos de seus membros nas vendas de indulgências. (N. do T.)

47. Cópia do lenço no qual ficou impresso o rosto de Cristo, quando Verônica a Ele o emprestou a caminho do Calvário. (N. da E.)

48. Ou seja, do norte ao sul da Inglaterra. (N. da E.)